

## A Conferência Episcopal Portuguesa concede o *Nada Obsta (Nihil obstat)* à abertura da Causa de Beatificação e Canonização do Irmão Bento (Manuel) Nogueira

No passado mês de maio, a Conferência Episcopal Portuguesa concedeu a autorização para a abertura da Causa de Beatificação e Canonização do Irmão Bento (Manuel) Nogueira, religioso da Província Portuguesa da Ordem de S. João de Deus, através da promulgação do Édito do Patriarca de Lisboa, D. Manuel José Macário do Nascimento Clemente, informando o povo de Deus desta intenção e perguntando aos fiéis se existem objeções à abertura da Causa. Obtida a necessária autorização da Conferência Episcopal Portuguesa, o Patriarca solicitará o “Nada Obsta” ao Dicastério para as Causas dos Santos para proceder à abertura da Causa e constituir o Tribunal Diocesano, que terá a tarefa de investigar as virtudes e a fama de santidade do Irmão Bento (Manuel) Nogueira.

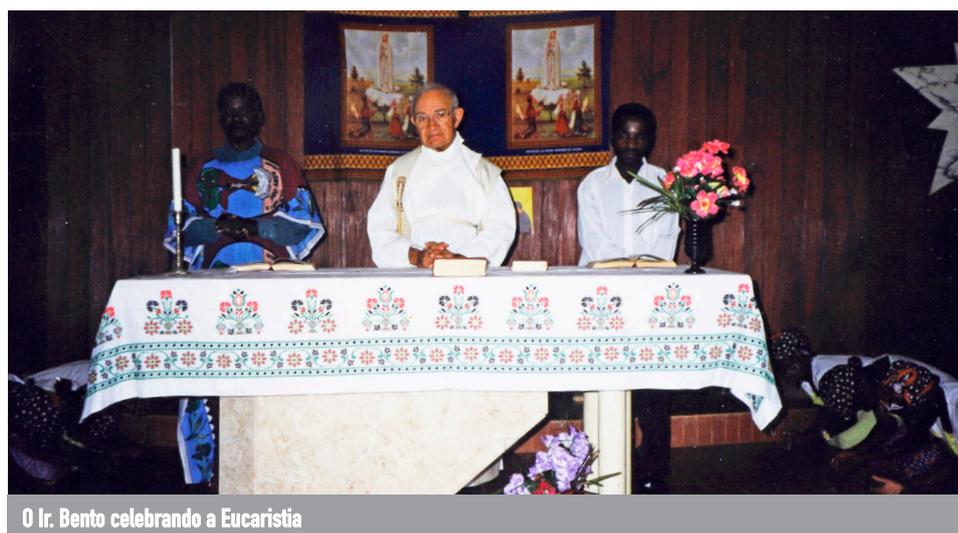
Para a nossa Ordem e para toda a Família Hospitaleira, este é um grande momento de alegria e de gratidão ao Senhor pelo dom deste modelo de vida que dedicou toda a sua vida ao serviço dos pobres e dos doentes, particularmente junto do povo da diocese de Nampula, em Moçambique, onde trabalhou durante trinta

anos, consumindo-se na caridade e na evangelização.

Além das suas funções sacerdotais, que exerceu na diocese de Nampula, foi superior, Mestre de Noviços e de Escolásticos. Frei Bento era considerado por todos uma pessoa bondosa, generosa, afável e particularmente sensível e inteligente. É recordado com grande admiração e estima pelo clero local, pelos religiosos e religiosas, pelos nossos Irmãos, mas sobretudo pelas pessoas simples e pobres que a ele recorriam para encontrar resposta a todo o tipo de necessidades, recebendo dele

simpatia e compreensão.

O Irmão Bento (Manuel) Nogueira nasceu a 5 de abril de 1927, em S. Simão de Litém, no concelho de Pombal. Aos 15 anos de idade ingressou na Ordem dos Irmãos de S. João de Deus. Depois de concluir o Noviciado e fazer a Profissão temporária, a 8 de dezembro de 1945, colocou-se ao serviço dos doentes e frequentou o curso de Enfermagem, obtendo resultados brilhantes. A 26 de abril de 1951 fez a Profissão solene. Ordenado sacerdote, a 14 de agosto de 1960, depois de ter obtido em Roma a licenciatura em Teolo-



O Ir. Bento celebrando a Eucaristia



O Ir. Bento com os seus pais

gia e se ter diplomado em Pastoral, foi Mestre de noviços, Mestre de Escolásticos, Capelão e Professor na Escola de Enfermagem.

Em 1972, partiu como missionário para a Leprosaria do Alto Molocué, em Moçambique, onde permaneceria a trabalhar durante trinta anos. Deu testemunho de uma grande santidade de vida, com uma fé radiosa, uma esperança sem nunca desanimar, uma caridade paciente junto dos doentes mentais, dedicando-se aos pobres e fundando a Paróquia de S. João de Deus, composta por três comunidades cristãs. Embora não tivesse cometido qualquer crime, esteve preso por duas vezes.

Morreu em Lisboa, a 26 de outubro de 2003, vítima de doença incurável, mas sobretudo consumido pelas dificuldades e pela hospitalidade que viveu sem se poupar. Foi um exemplo de coerência evangélica e de esperança missionária. Para mais dados e aprofundamento sobre a vida do Irmão Bento, consulte a página web <https://www.isjd.pt/pt/padre-bento-manuel-nogueira/biografia>, em português, ou aceda à página web do Postulador Geral.

## No dia 23 de março de 2023, o Papa Francisco reconheceu as virtudes heroicas da Serva de Deus Irmã Maria do Monte, atribuindo-lhe o título de “Venerável”

A Irmã Maria do Monte Pereira (nome secular: Eliza de Jesús), 1897-1963, pertenceu à Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, fundada por São Bento Menni. A Serva de Deus foi uma religiosa apaixonada por Deus. Viveu a sua vocação com alegria, dedicando-se com paciência, abnegação e caridade aos irmãos e irmãs em dificuldade, especialmente aos doentes mentais, nos quais via o rosto de Jesus.

A Irmã Maria nasceu no Funchal, na Ilha da Madeira, a 10 de abril de 1897, no seio de uma família humilde. Tendo ficado órfã de pai e mãe em 1914, quando tinha 17 anos de idade, teve de tomar conta da sua numerosa família, com 10 filhos, e a sua irmã mais velha sofria de problemas mentais. Tendo entrado na Congregação das Irmãs Hospitaleiras, após o período de Noviciado fez a Profissão temporária, a 3 de abril de 1929, e a Profissão perpétua, a 3 de abril de 1933, em Idanha. Durante 37 anos, a Irmã Maria do Monte desenvolveu um serviço hospitaleiro, encarnando a espiritualidade da sua Congregação, que vê em cada doente a imagem viva de Jesus. Em relação aos doentes manifestava uma doçura e ternura maternal; a serenidade do seu rosto era para os doentes uma melodia que os acalmava e curava. Em 1961, começou a ter problemas de saúde. Os últimos dois meses da sua

vida foram muito difíceis. Morreu na cidade do Funchal, a 18 de dezembro de 1963, com 66 anos de idade, na sequência de uma operação aos cálculos biliares, no dia em que se celebrava a Memória de Nossa Senhora da Esperança.

Acerca dela, o sacerdote que a seu pedido lhe administrou os sacramentos deixou-nos este testemunho: *“Ela era a simplicidade e a modéstia em pessoa. No decurso dos seus sofrimentos, vi-a sempre contente e satisfeita. Fui eu que a assisti na morte. Morreu como uma santa”*. A 4 de março de 2007, na Capela da Casa das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus (São Gonçalo), foi aberto o processo de Beatificação e Canonização e, a 23 de março, o Papa Francisco declarou-a Venerável.



A Serva de Deus no dia da profissão religiosa



## Beato Juan Jesús Adradas Gonzalo

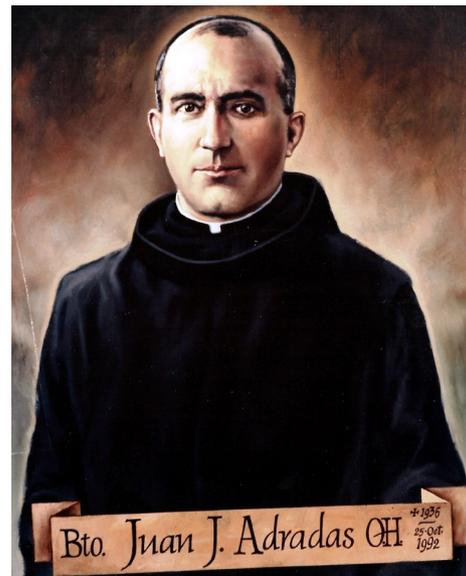
Num curto espaço de tempo, a Providência presenteou-nos com duas belas figuras de religiosos hospitaleiros portugueses. Nesta feliz ocasião, não podemos esquecer um outro nosso confrade, que já tinha contribuído para a fundação do Hospital do Funchal, na Ilha da Madeira, durante o seu mandato de Superior Provincial: trata-se do Beato Mártir Juan Jesús Adradas Gonzalo, que nasceu a 15 de agosto de 1878, em Conquezuela (Soria), na diocese de Sigüenza (Espanha), filho de Celedonio e Balbina, e foi batizado a 18 de agosto, com o nome de Mariano.

Os seus pais eram cristãos, dotados de uma fé forte, sincera e simples, e tinham antigas origens castelhanas. A família Adradas provém de pessoas ricas e abastadas, mas a má gestão levou-os progressivamente à ruína e, quando Mariano nasceu, a sua família vivia na penúria e na pobreza. O pai faleceu quando ele tinha dezoito meses e a mãe, viúva, pôs o filho mais velho, José, que acabou por se tornar padre, a servir de sacristão. Mais tarde, ficou responsável pela família, ajudando especialmente o seu irmão mais novo, Juan Jesús, pagando-lhe os estudos. A sua educação e formação moral foram asseguradas pela mãe e por uma tia abastada, Bonifácia Adradas, em cuja casa de Mojares ele passou a maior parte da infância e os períodos de férias, quando já era seminarista. Esta piedosa senhora pagou parte das despesas dos seus estudos. Foi nesta aldeia que aprendeu os rudimentos da escrita, distinguindo-se entre os seus colegas na escola pela sua sagacidade e clara inteligência. Recebeu a primeira comunhão em tenra idade.

Depois da sua ordenação sacerdotal, o seu irmão mais velho, José, foi

nomeado pároco de Oter. A situação económica da família melhorou e a mãe e os filhos puderam viver juntos. O irmão, vendo as boas qualidades de Juan Jesús, a sua aptidão para os estudos e a sua forte vocação para o sacerdócio, preparou-o cuidadosamente para ele poder entrar no seminário. Em 1895, foi para Sigüenza e entrou no chamado *Colégio de Infantes*, onde, sob um regime rigoroso e uma disciplina férrea, estudou Latim e Humanidades; daí passou para o Seminário Maior, para os estudos filosóficos e teológicos. Foi um dos alunos mais dotados, obtendo classificações excelentes. Levou uma vida de intensa piedade, de sólidas virtudes e de grande seriedade, que sempre o caracterizaram, e distinguiu-se pela sua devoção à Virgem Maria e ao Santíssimo Sacramento. No final de 1903, completou brilhantemente os seus estudos e foi ordenado sacerdote. Celebrou a sua primeira Missa na igreja do Seminário, em Sigüenza, e estava feliz por ser padre.

Incentivado pelo irmão, em 1904 transferiu-se para o Seminário de Saragoça, com a intenção de se licenciar e doutorar em Teologia e Direito Canónico e, depois, candidatar-se ao Canonato. Eram estes os seus desejos, mas os planos de Deus a seu respeito eram muito diferentes. A sua vocação religiosa surgiu em Saragoça, quando ele menos esperava. Durante a sua permanência nesta cidade, um dia visitou o Hospital psiquiátrico, dirigido pelos Irmãos de São João de Deus. Ao despedir-se, o Superior, que o acompanhava, propôs-lhe que ele assumisse o cargo de capelão da Casa, que estava vago. E Juan aceitou de bom grado a proposta. Ao ver a caridade e o empenho dos religiosos ao lado dos doentes, ficou edificado



e o Senhor concedeu-lhe a vocação hospitaleira. Interrompeu os estudos, renunciou aos seus projetos e, a 26 de abril de 1904, apesar da forte oposição familiar, entrou na Ordem Hospitaleira, em Ciempozuelos; a 21 de junho tomou o hábito religioso e mudou o seu nome de batismo: em vez de Mariano, passou a chamar-se Juan Jesús. Fez o Noviciado sob a direção do futuro Beato Federico Rubio. Desde o primeiro momento em que entrou foi um exemplo de verdadeiro religioso hospitaleiro. Durante todo o tempo de estágio foi um exemplo de grande edificação para a comunidade inteira. Fez a Profissão simples a 30 de junho de 1905 e a Profissão solene a 24 de novembro de 1908. Foi capelão dos hospitais de Palencia, São Baudílio de Llobregat, Ciempozuelos e Santa Águeda de Mondragón. Foi ele o iniciador do Grupo Coral do Hospital de Ciempozuelos.

Ainda na mesma casa – segundo refere o Provincial, Padre Andrés Ayucar, que o tinha em grande estima, escutava os seus conselhos e apoiava fortemente os seus projetos –, a 2 de fevereiro de 1910 fundou a Escola Apostólica do Sagrado Coração de Jesus, um Seminário vocacional que deu uma rica colheita de vocações. A esta instituição, que dirigiu mais



ou menos pessoalmente até junho de 1925, dedicou as suas melhores energias, todos os seus esforços e o mais terno afeto do seu coração.

A 22 de julho de 1911, foi nomeado Mestre de Noviços em Carabanchel, continuando a dirigir a Escola Apostólica que, entretanto, em vez de cinquenta alunos passara a ter cento e vinte. Em 1914 regressou a Ciempozuelos. Trabalhou com extraordinário zelo e entusiasmo e o resultado foi o aumento do número de santos religiosos, muitos dos quais mártires. Em novembro de 1919, o Capítulo Geral elegeu-o Provincial de Espanha, Portugal e América, cargo que desempenhou até 1925, mantendo sempre a direção da Escola Apostólica.

Em 1924, incentivou o desenvolvimento da Casa de Saúde de S. João de Deus do Funchal, na Ilha da Madeira, obtendo o reconhecimento canônico da Comunidade. Durante o seu provincialato, visitou todas as Casas e teve palavras de encorajamento e de consolação para todos os Irmãos. O seu zelo pela observância regular era



Monumento dedicado ao Beato, no recinto do Hospital do Funchal, na Ilha da Madeira

constante e ele próprio era um exemplo vivo na aplicação do que ordenava, sendo o primeiro a cumprir os atos da comunidade. A visita às Casas da América foi para ele um verdadeiro teste. Com zelo incansável, suportou todos as incomodidades e percalços de longas viagens, percorrendo distâncias que duravam até vinte dias, a cavalo, por caminhos impérvios. Restabeleceu a Ordem na Colômbia, com a fundação das Casas de Santa Fé de Bogotá, Sibaté e Pasto, e no Chile, abrindo o Hospital psiquiátrico de Santiago.

Em Espanha, inaugurou a Clínica San Juan de Dios, em Santurce, e o Sanatório Psiquiátrico San José, em Málaga; em Portugal, abriu o Sanatório Neuropático do Funchal. Deu um grande impulso à organização administrativa geral, conseguindo melhorar o funcionamento de todos os serviços hospitalares e colmatar as deficiências de que padeciam alguns hospitais, aperfeiçoando as suas estruturas e alargando a atividade assistencial.

Antecipando-se à legislação social, em sintonia com os princípios da encíclica *Rerum Novarum*, estabeleceu regras para todo o pessoal auxiliar da Ordem, definindo os seus direitos, criando tabelas de salários e pensões, e garantias de assistência médica, em caso de doença. Incentivou o estudo para melhorar a organização e promoveu as especializações relacionadas com os serviços hospitalares: sacerdotes, médicos, enfermeiros, professores e auxiliares de saúde. Um projeto tão abrangente como este não podia deixar de provocar invejas e oposições, de tal modo que não conseguiu levá-lo inteiramente a cabo; no entanto, a semente caiu no bom terreno e o campo dá hoje frutos abundantes.

Nomeado capelão da Basílica de São

João de Deus, em Granada, foi incansável no púlpito e no confessionário. O arcebispo de Granada concedeu-lhe autorização para partir em missão pastoral para as zonas mais periféricas da Serra Nevada, colhendo aí frutos abundantes: pessoas que havia trinta anos ou mais não se abeiravam dos sacramentos puderam recebê-los, e até um velho fez a sua primeira comunhão. Mas, o excesso de trabalho afetou a sua saúde.

Em 1934, foi eleito Conselheiro provincial e Mestre de noviços, em Ciempozuelos. Dedicado à santificação dos noviços, é apanhado pela revolução de julho de 1936. A 7 de Agosto, os religiosos e noviços da comunidade foram presos e levados para a prisão de Sant'Antón, um Colégio que fora transformado em prisão. Entre eles, encontrava-se o Ir. Guillermo Llop, o Superior da Comunidade. Aqui, o Ir. Juan Jesús apoiou e preparou os religiosos para enfrentarem aquela situação e, iludindo a vigilância dos terríveis milicianos, organizava encontros espirituais com os Irmãos, orientando jornadas de retiro, ouvindo as suas confissões, confortando-os e encorajando-os para enfrentarem o martírio.

Sofreu muito devido a privações e sacrifícios, maldades e ofensas por parte dos seus carcereiros. Mantendo-se sereno e calmo, transmitia essa atitude a todos os prisioneiros. A 28 de novembro, por volta do meio-dia, partiu uma segunda expedição da milícia, na qual foram presos Juan Jesús e outros nove Irmãos da comunidade. Carregados numa camioneta, foram levados para Paracuellos del Jarama, em Madrid, para serem mortos. Enquanto eram crivados de balas, gritaram: “Adeus até ao céu!”. “Viva Cristo Rei!” O Ir. Juan Jesús tinha 58 anos de idade. Os seus restos mortais não foram conservados.